

## O RETORNO DE JACINTA E DE VICENTE

Compartilhamento de Experiências da “Pesquisa ação: Práticas de ATER, construção de conhecimentos e sujeitos coletivos da agroecologia” no agroecossistema familiar.

Texto: Dani Guerra, Ronildo Mastroianni, Samara Santos e Antônio Marques

Fotos: Dani Guerra

A história de Jacinta de Carvalho e de Vicente Pinto reflete um movimento comum ao interior cearense, o migrar e o retornar à comunidade de origem. Os dois se casaram em 1978 e, então, se mudaram para o Rio de Janeiro, onde viveram 34 anos longe de Irapuá, município de Nova Russas, local de origem. Durante este tempo, Dona Jacinta trabalhou no setor de serviços e com costura, e o Seu Vicente foi porteiro, trabalhou em uma padaria e como segurança no late Clube de lá.

No período em que viveram no Rio, eles tiveram dois filhos, a Vilma, mais velha, e o Túlio, mais novo. Se o cearense onde chega faz patrimônio, eles por lá fizeram três casas que serviriam mais tarde como investimento. Quando a aposentadoria chegou, o casal

ficou dividido entre ficar no Sudeste ou retornar, mas resolveram, por fim, voltar. Primeiro, veio para Irapuá a Dona Jacinta em 2012, e, no ano seguinte, o marido dela. Eles ocuparam as terras que eram da família da agricultora, ainda hoje com título não regularizado.

O dinheiro apurado com a venda de uma das casas no Rio de Janeiro possibilitou a construção, em 2012, de uma residência ampla de 234 metros quadrados, muito arejada, com um alpendre cheio de plantinhas e, no jardim, uma coleção de Pereiros (árvores da caatinga), grandes tesouros da natureza. No mesmo ano, houve a construção da fossa séptica do local. Neste período de estruturação, o casal morou de aluguel na sede de Nova Russas.

Em 2013, Jacinta e Vicente tiveram que fazer ou-





tro retorno, desta vez, para a agricultura. A experiência de roçado quando jovens agora parecia muito distante da realidade que vivenciavam.

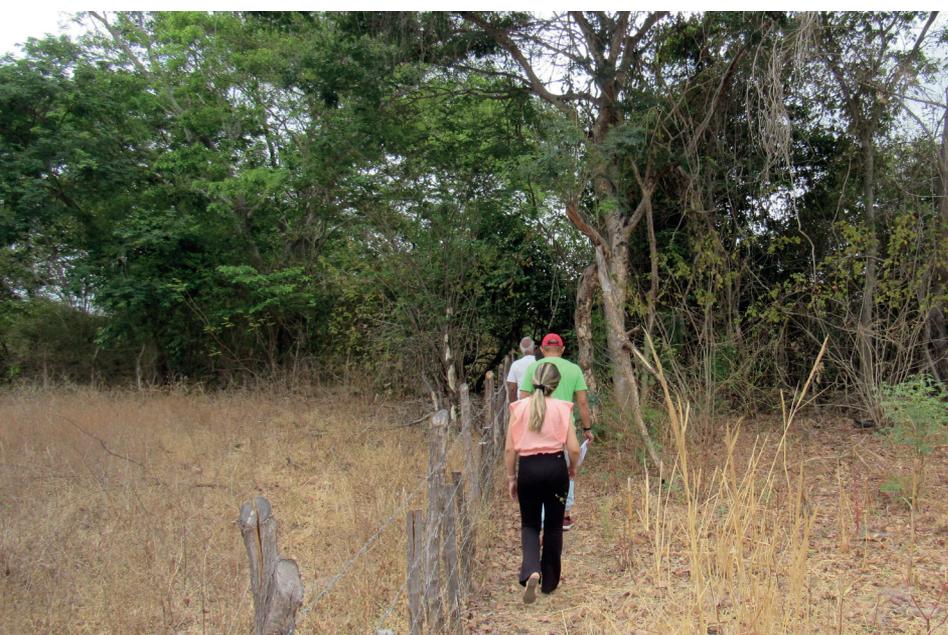
Em 2014, começaram a cultivar hortaliças e frutíferas no quintal atrás da casa, mas não foi fácil. O Ceará enfrentou o ciclo prolongado de seca (2012-2016), e o retorno do casal ao cultivo teve outra dificuldade, a obtenção de água. Ainda assim, neste mesmo ano, eles começaram a criação de aves no quintal, ainda sem a infraestrutura de galinheiro ideal.

O Esplar começou a fazer o acompanhamento da família em 2016. Dona Jacinta explica que as práticas de manejo mudaram bastante desde então. Antes, a agricultora tirava toda cobertura vegetal, tinha o costume de varrer o terreiro e via as plantas secarem no segundo semestre do ano.

A partir da assessoria do Esplar, a agricultora começou a cobrir a terra e a realizar o processo de compostagem no quintal produtivo. Também por meio da assessoria técnica, Dona Jacinta ingressou no grupo de mulheres “Abelhas Lutadoras do Sertão”, mobilizado pelo projeto Educação para a Liberdade, parceria entre o Esplar e a We World/ GVC Brasil.

Como a principal fonte de renda do casal vem de aposentadorias não relacionadas à atividade rural, eles enfrentaram desafios para acessar políticas públicas direcionadas à agricultura familiar. Desta forma, o cercamento do quintal (2017), o galinheiro (2019), a compra da bomba sapo (2020) e a construção do canteiro suspenso (2023) foram estruturados com recurso próprio da família.

No entanto, Jacinta sempre esteve nos espaços de discussão coletivos da comunidade. Em 2016, a família conquistou a cisterna 16 mil litros do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), processo que foi mobilizado pela família junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares (STRAAF) de Nova Russas, responsável pela distribuição das tecnologias. A agricultora se associou a Associação dos Produtores na Agricultura Familiar (APAFI) em 2017 e entrou para o grupo das Mulheres Artesãs de Irapuá (Moarti) em 2021, que virou associação dois anos depois. De 2013 a 2023, ela também participa ativamente de atividades na igreja evangélica e





da festa da colheita.

A área que envolve a casa, o quintal produtivo, a reserva legal e o roçado, apelidada carinhosamente de “Cantinho Verde” tem cerca de 0,85 hectares e, em 2023, abrange o galinheiro e o quintal produtivo cercado, onde há plantação de frutíferas (mamão, goiaba, graviola, siriguela, amora, caju, atemoia, ata, romã, tangerina, tamarindo, fava, nativas), plantas medicinais (cidreira, capim santo, mastruz, alfavaca, boldo, hortelã, colônia, anador, melão são caetano, bucha), hortaliças (coentro, cebolinha, maxixe, pimentão, pimenta de cheiro, pimenta malagueta, tomate cereja, couve), feijão e sorgo.

Em 2019, o casal acessou o microcrédito Crediamigo para a compra de aves e começaram a desenvolver a venda de produtos do galinheiro. A parte do quintal utilizada para a criação de aves ocupa atualmente uma área de 2 mil metros quadrados com 22

galinhas, 8 galos e 7 pintos, 8 perus, 6 capotes e um pato. Seu Vicente costuma cuidar dos filhotes e Dona Jacinta abate, limpa e corta os animais.

O trabalho da família com o algodão inicia em 2020. Porém, apenas dois anos depois, eles ingressaram no projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos, executado pelo Esplar. Para isso, eles utilizam o direito de uso de área de 3.300 metros quadrados, onde cultivam o algodão em consórcio com o milho, a oiticica e a leucena. Este terreno pertence à associação, mas as famílias associadas tem o direito de uso dele.

Em 2023, o filho mais novo do casal, Túlio de Carvalho Pinto, veio do Rio de Janeiro juntamente com a esposa, Adriana Alves, e os dois filhos, Manoela e João Pedro, e, até outubro do mesmo ano, eles estavam morando na propriedade. Túlio mantém uma loja de celulares na sede de Nova Russas, para onde

pretende se mudar com o núcleo familiar.

A maior parte das ações do agroecossistema são realizadas pela aposentada e pelo aposentado. Luis Anastácio, jovem da localidade que acompanhou a adaptação da família na mudança para Irapuá, tornou-se um integrante da família com o passar do tempo, auxiliando os dois na construção de infraestruturas e em parte da produção agrícola. Atualmente, ele também desenvolve outras atividades econômicas (barbearia) e mora com a esposa na Comunidade do Peixe, localidade vizinha.

Com a aplicação do Método Lume juntamente com a família, observou-se algumas potencialidades como: a compreensão sobre as desigualdade de gênero; o acesso ao microcrédito; e a quitação das dívidas. O planejamento familiar dos recursos e das atividades do agroecossistema é feito de forma descentralizada.

A participação da família em diferentes redes de construção coletiva desencadeou transformações no agroecossistema e na interação da família com o ambiente, o que impacta não apenas a forma de produção, mas também os métodos de manejo e as relações interpessoais. Por isso, uma grande lição desse estudo é que o acesso aos direitos passa pela participação em espaços compartilhados de luta e de construção de conhecimentos compartilhados coletivamente.



Este informativo foi produzido pelo Esplar - Centro de Pesquisa e Assessoria.

Este conteúdo é uma forma de divulgar os resultados da “Pesquisa-ação: práticas de ATER, construção de conhecimentos e sujeitos coletivos da agroecologia”. A pesquisa-ação é realizada pelas instituições que fazem parte da Rede ATER Nordeste e tem o apoio da Porticus.

Realização:

